

Objetos de Afeto

APRESENTAÇÃO

“Por melhores que sejam as sementes que se semeiam, a propagação das coisas novas não se dá em toda parte nem sempre; e nem os vínculos são sempre por toda parte capazes de enredar; mas, no devido tempo, com a adequada disposição dos objetos, adquirem a virtude da afecção.”

Giordano Bruno

“A rede é lugar visível e vínculo invisível.

Pierre Musso

Na busca de fazer-nos sujeitos da experiência ao cultivarmos a atenção, a delicadeza, a alegria, o encontro, a partilha, a colaboração, a cooperação como metodologias a fundamentar ambientes de aprendizagem em rede no espaço escolar, traçamos uma cartografia de ideias, conceitos, reflexões e vivências aqui materializadas em imagens, links, palavras e fragmentos de textos, de artigos e conversas realizadas pelas autoras e muitos colaboradores desejosos em explorar, investigar e construir novos modelos de ensino-aprendizagem. Ambientes que possuam uma nova relação com a cognição, com o conhecimento e com os outros; que possibilitem uma nova dinâmica nos processos de construção do saber, voltados para elaboração de uma subjetividade alicerçada na arte do encontro, na presença, na tessitura de vínculos e afeto, de uma educação relacional e de uma estética conectiva.

Fazer rede é conectar ponto a ponto e vários pontos, vincular, agir sobre algo, afetar, multiplicar ações, fazer-nos sujeitos da experiência e provocá-la. Tessituras e princípios que exploramos nessas páginas impressas, remixadas a partir de recortes dos registros e reflexões suscitadas. Experiência vivida que aqui se realiza em forma de relato e de silêncio, que se materializa em forma de livro-objeto, de livro impresso e livro digital; livro que não é escrita linear, livro que é processo, textura para ser tocada, programa de rádio para escuta, links para serem acessados, dobradura e página a ser destacada, reescrita de bordaduras e narrativas. Construção e reflexão do lugar e importância que a experiência, o afeto e a tessitura de redes ganham na formação docente e discente contemporânea e no desenvolvimento de práticas pedagógicas, alicerçadas em uma cultura e comunicação livre, partilhadas neste texto expandido. Convidamos o leitor a realizar sua própria bordadura, a desenhá-la com a linha no espaço, a tecer suas narrativas e a partilhá-las. A rede cessa quando a ação cessa, quando deixamos de afetar, vincular.

Desejamos que essa experiência faça-os vibrar, faça-os pensar e ganhe outras formas, atraísse o tempo e o espaço e ressoe em outras experiências, em outras redes e mais redes, repletas de tessituras afetivas e poéticas, potentes em sua capacidade de renovar e apontar novos e outros caminhos para a educação.

Boa tessitura!

As autoras

ontos D

AA

Objetos
de
Arte

Objetos de Arte

É pelo narrar que propomos intercambiar experiência. Experiência coletiva de tecer redes nascida da intersecção dos projetos de pesquisa de duas docentes de áreas que historicamente, sobretudo no ambiente escolar, são distintas: arte e ciência. Na união do digital e manual. A intersecção dos projetos de pesquisa, ensino e extensão Aprender Brincando: uma experiência colaborativa, coordenado e desenvolvido pela professora de Química Dr.^a Izabel Goudart (CAp/UFRJ) com a colaboração da comunicadora Ma. Luciana Fleischman e Arte do fio, coordenado e desenvolvido pela professora de Artes Visuais Ma. Mariana Guimarães (CAp/UFRJ). Desse encontro nasce o projeto Objetos de afeto e tramas da escola: tecendo redes. Projeto desenvolvido no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 2014.



Aprender Brincando



Aprender Brincando propõe a realização de laboratórios abertos voltados para o desenvolvimento de projetos colaborativos que articulam arte, ciência, cultura e tecnologia e a aprendizagem em rede. É uma tessitura e investigação das possibilidades e desdobramentos estéticos, éticos e políticos do uso da linguagem digital e tecnologias contemporâneas na construção de novos ambientes de aprendizagem, de modalidades de construção de conhecimento colaborativo em rede e da disseminação de princípios da cultura livre de participação, partilha e colaboração como fundamento para desenvolver uma ética de conectividade no ambiente escolar.



Arte do Fio

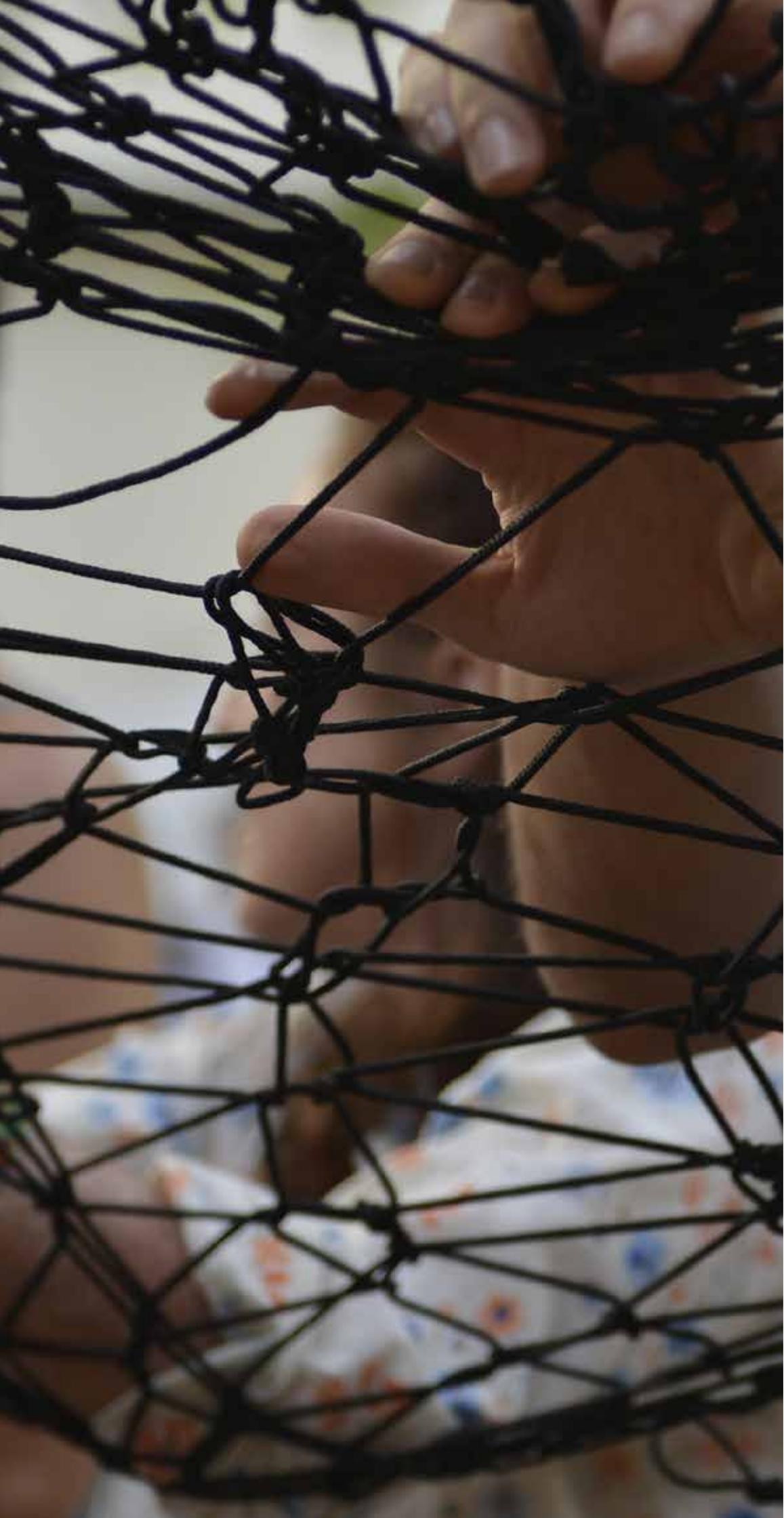
Arte do Fio utiliza a linguagem da bordadura nas artes visuais para produzir experiência na educação a partir da relação da arte com a ancestralidade do bordado. Compreendendo o bordar como ato, o bordado como nome e a bordadura como um *modus* de produzir experiências, afeto, vínculo e autonomia. É uma investigação conceitual e plástica da bordadura contemporânea e seus inúmeros desdobramentos, estéticos, éticos e políticos na educação e nas artes visuais.

facebook



Na intersecção dos dois projetos, o fazer manual da bordadura, do tecer com fios, agulhas e com as mãos, alinhou-se ao tecer com fios invisíveis das práticas da cultura *maker*, da cultura livre, da linguagem da programação.

O *Projeto Objetos de Afeto* é uma investigação sobre a tessitura das redes e dos vínculos estabelecidos nessa trama. É um experimento de conexão entre as redes digitais e as redes tecidas manualmente, com o objetivo de promover o diálogo entre as linguagens e a construção de ambientes criativos e afetuosos para o pleno desenvolvimento e empoderamento estético, ético e político da comunidade envolvida. Debruçamo-nos sobre o afeto e sobre o objeto, sobre o ato coletivo de tecer redes, sobre as práticas de participação, partilha e colaboração, sobre a apropriação de tecnologias e linguagens.



Tessitura de Redes

Tecer redes é desenhar com a linha no espaço, seja físico ou virtual. Vamos estabelecendo relações e conexões, decodificando a experiência na compreensão dessa tessitura como linguagem, comunicação e cultura. É um meio de expressão, onde a linguagem se realiza no diálogo de quem constrói a urdidura e tece a trama.

Linguagem de partilha, de colaboração, de escuta e conexão.

Deleuze e Guattari (1995) apresentam a noção do rizoma, que se assemelharia como imagem ao tipo de caule radiforme de alguns vegetais, como o bambu, formado por uma miríade de pequenas raízes emaranhadas em meio a pequenos bulbos armazenáticos, para se contrapor ao paradigma arborescente. O rizoma nos remete para a multiplicidade das formas e dos caminhos; não há um único rizoma, mas rizomas. Por suas características de abertura, descentramento, não hierarquia e multiplicidade, o conceito e a imagem do rizoma têm sido utilizados para descrever a lógica da rede. O contexto rizomático rompe com as hierarquizações e com a disciplinarização do saber, tanto no seu aspecto epistemológico como no político. Pensar uma educação que incorpore essa dinâmica parece uma tarefa utópica, já que pressupõe a adoção de um pensamento menos ordenado, no limite do caótico, bem como pressupõe outras arquiteturas mais flexíveis, cujas estruturas possam se inclinar ao sabor dos ventos, sem quebras ou rupturas, criando ambientes líquidos e oxigenados.

Na experiência da construção da aprendizagem em rede, compreendemos que é preciso desconstruir a própria noção de redes na educação, pois estamos imersos em uma cultura educacional que vem didatizando a ideia de rede, sem refletir sobre o atual regime sócio-econômico que vivemos. O capitalismo flexível

nos impossibilita, por diversos motivos, de nos ligarmos verdadeiramente uns aos outros, pois não nos permite a construção de narrativas partilhadas, destinos partilhados, ações de confiança, enfraquecendo as relações. Vivemos em um momento, onde o outro é excluído do nós. E o pronome nós, torna-se muita das vezes, uma expressão falsa, como um ponto de referência contra o mundo externo (SENNETT, 2012, p. 159). Portanto, compreendemos que a lógica da rede está impregnada de ambiguidades, estamos em uma bifurcação: estamos conectados e em rede, e podemos continuar sozinhos, *on line* e *alone*, como também podemos explorar a criação de ambientes de partilha e colaboração e organização social. Como transpor essa ambiguidade no ambiente escolar, promovendo reflexões críticas sobre o uso das redes digitais ou manuais, sem criarmos redes amorfas, tecidas em coletividade por sujeitos que não se conectam entre si? É preciso organizar uma narrativa que sustente as relações interpessoais, que promova afeto e vínculo entre as partes envolvidas. Faz-se necessário uma desconstrução radical em nossas expectativas do que faz um educador (ou aqui tecelão), que pense sua prática a partir de uma estética conectiva preocupada com o reencantamento do mundo por meio da educação.

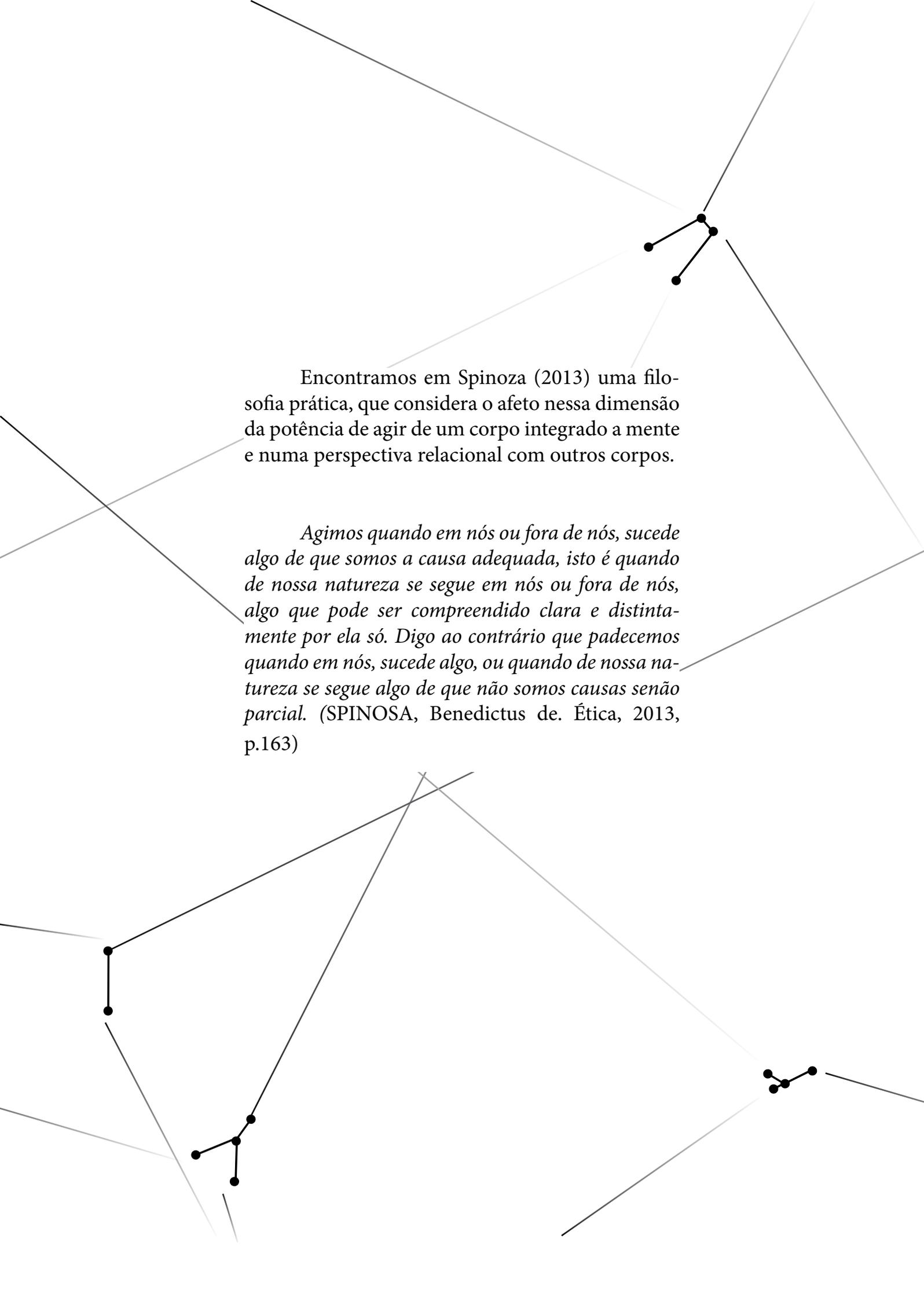
nos afretos e pr
os objetos pr

Do Manifesto do Afeto

A Ocitocina é um hormônio produzido pelo hipotálamo e armazenado na hipófise posterior que tem a função de promover as contrações musculares uterinas e reduzir o sangramento durante o parto, para estimular a liberação do leite materno, para desenvolver apego e empatia entre pessoas, para produzir parte do prazer do orgasmo, é um hormônio relacionado ao prazer e ao afeto.

É sobre afeto, sobre objeto. Sabemos, pois que há muitas reflexões filosóficas, sociais, políticas, materiais, antropológicas, psicanalíticas e científicas sobre esses conceitos. Porém, pretendemos aqui, debruçar nossas reflexões sobre afeto e objeto pelo viés artístico, em reflexões e ações vivenciadas e propostas por duas artistas e educadoras no ambiente escolar. Afeto é antes de tudo, afeto. É o que cada um de nós entende como aquilo que nos afeta. E o que nos afeta? De que modo esse afeto está materializado em objetos que nos afetam? Como pensar a educação nos dias atuais sem pensar e agir sobre a lógica das redes digitais que essa geração de educandos já nasce parte?

Afeto como conhecimento, afecção da presença, dos objetos nos quais colocamos nossa atenção, corpo afetado e que afeta, currículo oculto e invisível, que mobiliza, nos ata, nos vincula. Afeto ingrediente essencial na tessitura da rede, fazer rede é afetar, provocar um antes e depois, potencializar o agir. A rede cessa quando o afetar se perde, quando a arte de narrar a si e o outro desaparece.

The image features an abstract geometric design composed of several thin, light-colored lines that intersect to form a series of triangles and other shapes. Scattered throughout this design are several small, solid black dots. Some of these dots are connected by short, thin black line segments, forming small, irregular clusters or paths. The overall composition is minimalist and geometric, with a focus on the relationships between lines and points.

Encontramos em Spinoza (2013) uma filosofia prática, que considera o afeto nessa dimensão da potência de agir de um corpo integrado a mente e numa perspectiva relacional com outros corpos.

Agimos quando em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é quando de nossa natureza se segue em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo ao contrário que padecemos quando em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causas senão parcial. (SPINOSA, Benedictus de. Ética, 2013, p.163)

SERVIDOR

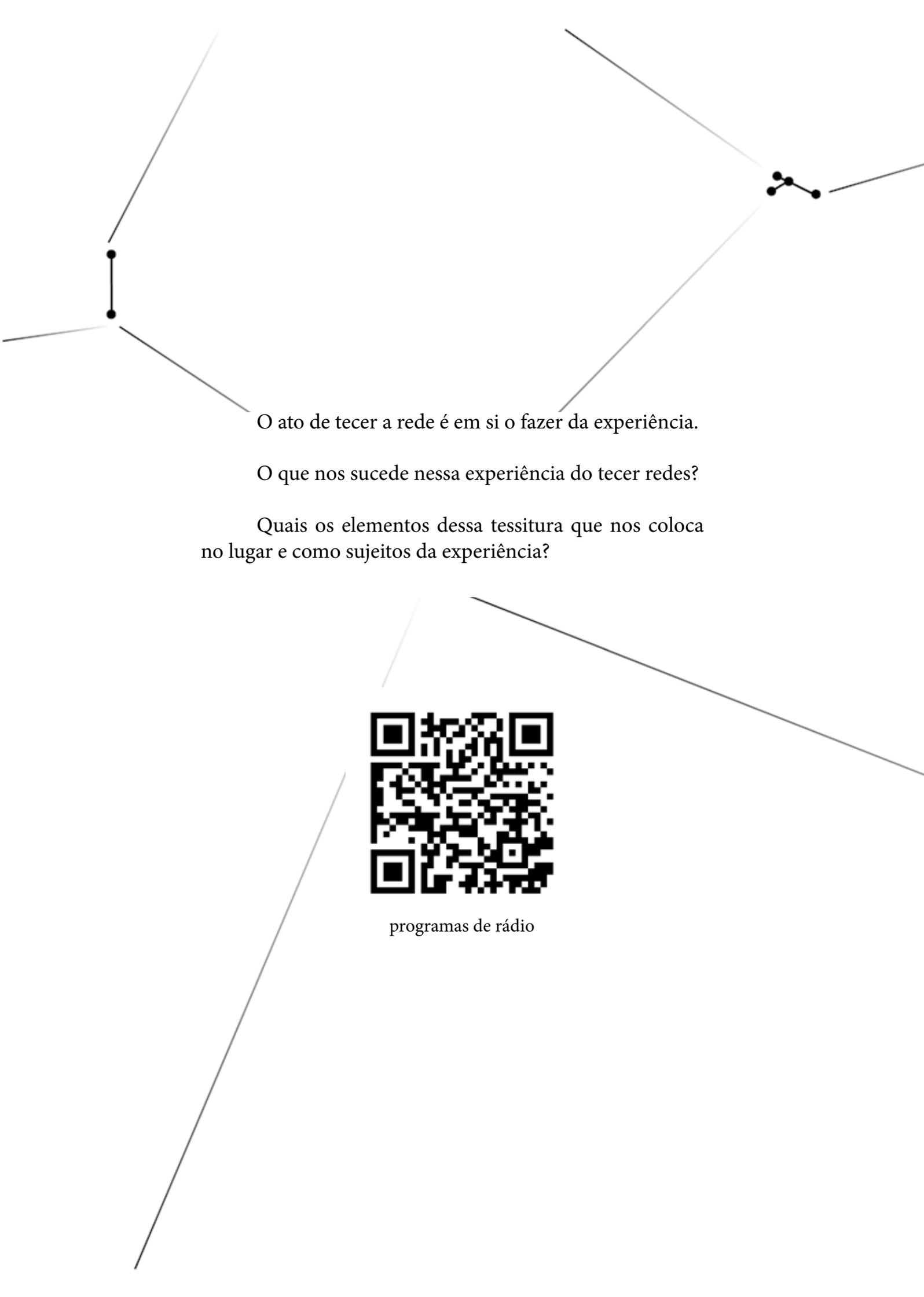
LIVRE



SOFTWARE
LIVRE

CÓDIGO-FRONT
ABERTO

EXPERIÊNCIA



O ato de tecer a rede é em si o fazer da experiência.

O que nos sucede nessa experiência do tecer redes?

Quais os elementos dessa tessitura que nos coloca no lugar e como sujeitos da experiência?



programas de rádio

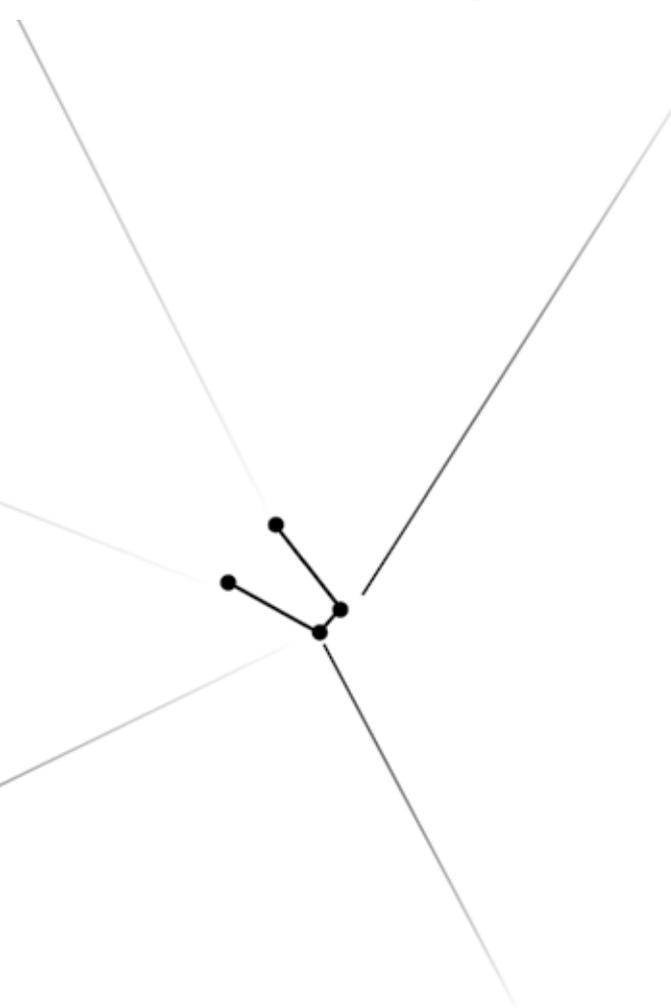


Em muitos momentos, compreendemos que é na observação e na experiência que vamos construindo sentido, pois a experiência é uma forma de conhecimento, é algo que nos acontece e nos toca, nos transforma. Um tipo de conhecimento que precisamos redimensionar em nosso tempo, precisamos revalorizar e trazê-lo para a prática escolar. A experiência de tecer redes é a própria experiência de fazer os estudantes pararem para pensar sobre si e sobre o outro, de refletirem sobre suas questões pessoais e coletivas. É uma experiência potente que nos coloca em contato com algo muito íntimo que povoa de sentido nossa passagem por esse mundo.

Até o surgimento da ciência moderna, o sujeito da experiência era o sujeito do senso comum, sujeito que constrói conhecimento a partir da experiência e intuição. Na era moderna, vivemos a impossibilidade da experiência. Walter Benjamin (2012) nos adverte para essa perda na incapacidade crescente de nos narrarmos, no interdito que as grandes metrópoles interpõem a partir do corpo a corpo com um cotidiano fragmentado e de muitos estímulos, sem que de fato possamos ser tomados, tocados pela experiência.

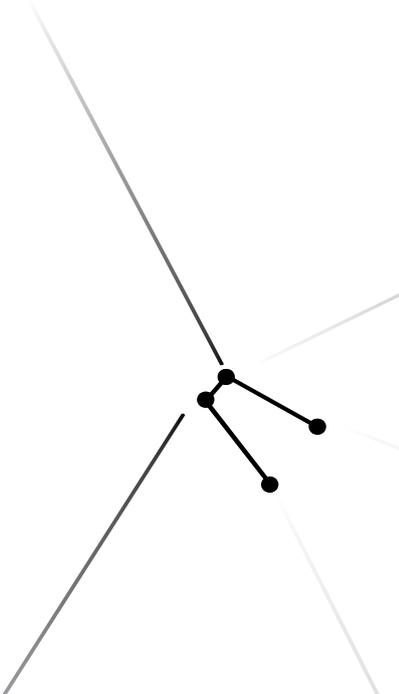
Experiência estética e política do fazer, daquilo que anuncia, antecipa, sinaliza e narra silenciosamente linhas de passagem, rotas de fuga, possibilidades do real.

O cotidiano escolar é repleto de experiência e, paradoxalmente, o lugar onde nada nos acontece. Enredados nos currículos e programas que delimitam o tempo, o espaço, a arquitetura do ambiente e os modos de escuta, parece que perdemos o fio da meada. Entrelaçados nas tramas do conteúdo e da informação, que intenta fazer-se conhecimento e saber, parece que esquecemos o dom de contar histórias, o narrar a si e ao outro: *cultivar a atenção, a escuta, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço* (LAROSSA, 2014, p.25).





Conectividade

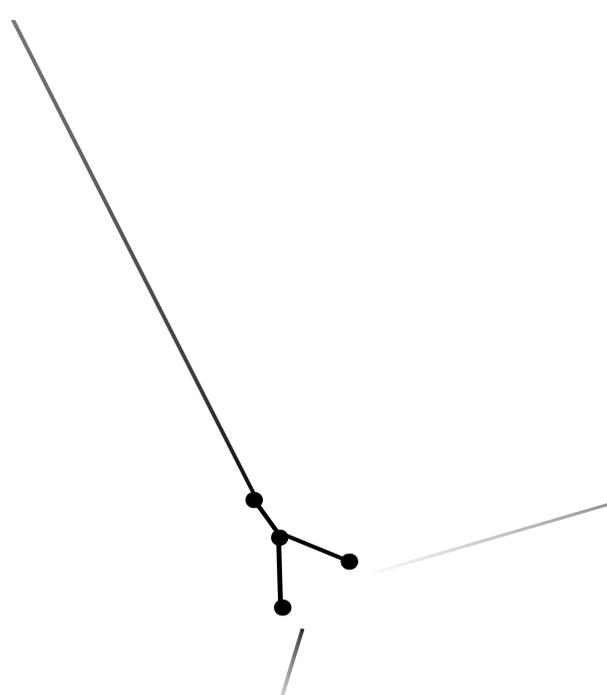


O ambiente torna-se uma questão central no fazer rede. Um ambiente no qual o corpo encontra-se em movimento e/ou afetado pela constante sensibilização dos fios aos quais está conectado, fios que cumprem o papel de meios para a transmissão. O fio que atravessa o espaço, seja marcando o tecido, seja na malha condutora de eletricidade, cabearmentos diversos, malhas rodoviárias, fios invisíveis das redes wi-fi feitos da imaterialidade das ondas eletromagnéticas conduzidas pelo ar, o princípio é o deslocamento e a experiência da presença que implica na percepção do que nos ata e vincula. A malha da rede interfere no espaço e age no sentido de transmitir informação a partir de qualquer ponto da rede, como uma teia de aranha que é afetada pelos estímulos do ambiente e que, organicamente, como um sistema nervoso externalizado, imprime na aranha a localização exata da interferência ou objeto aderido. Assim também, das redes tecidas às redes que transitam informação somos afetados por um sistema nervoso externo e por uma memória e inteligência coletiva.

A conectividade é uma das propriedades de um sistema complexo. A capacidade que os elementos do agregado têm de estabelecer relações ou conexões é um parâmetro que surge ao longo da evolução do sistema. A conectividade exprime a capacidade de agir sobre algo, de modificar sua linha de comportamento, a trajetória ou a história. É um parâmetro próprio da tessitura de redes.

Ao tecermos redes, adotamos uma perspectiva eco-sistêmica e aprendemos pela e na experiência que interdependência e interconectividade são fios que tecem a trama da vida, pois somos muitos corpos, o corpo humano compõe-se de muitos indivíduos (de naturezas diferentes), que são afetados pelos corpos exteriores de muitas maneiras e que tem necessidade, para conservar-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado (SPINOZA, 2013, p. 105).

Fazer redes é como falar com botões: é algo muito metafórico. O que trazemos é a experiência do vínculo: vincular, mas não apenas o ato de vincular unindo, costurando, mas o que a conectividade proporciona para além da matéria tecida.





Libertatis Laboratorios



álbum de fotos

São espaços de investigação, de operações e transformações notáveis, espaço de criação, testes e descobertas. São espaços privilegiados de partilha e solidariedade na construção do conhecimento, na tessitura horizontal dos saberes pelos educadores e participantes, na construção de valores alicerçados numa ética da conectividade.

Laboratórios abertos como comunidades livres onde educandos e educadores compartilham novos ambientes de aprendizagem que privilegiam a circulação de informação, a experiência e a construção de conhecimento pelo aprendiz e o aprendizado e vivência do afeto enquanto cognição. Ambientes onde o conhecimento é artesanalmente construído por todos, através de princípios como colaboração, transmissão de conhecimentos, participação e partilha, onde a experiência do fazer e pensar redes é comum, na existência de uma experiência coletiva ligada a um trabalho e a um tempo partilhados em um mesmo universo de prática e linguagem, como uma obra aberta em constante formação e adaptação, cada rede como o desejo de uma nova e uma outra.

O lugar da experiência, no sentido de um ambiente que enfatiza a prática do fazer, buscando uma produção de presença dada na relação espacial com o mundo e seus objetos, com aquilo que pode ser tangível por mãos humanas e, portanto, afetar nossos corpos e ser afetado (GUMBRECHT, 2010). Um ambiente organizado para a produção coletiva e que reclama o corpo, um corpo em movimento, em atividade, em relação com outros sujeitos e objetos, um ambiente que ajuda a nos tornarmos atentos, estar presente no presente, isto é, a nos expormos ao que está acontecendo, ao que nos sucede, ao que nos toca, à experiência em si.

A onipresença dos jovens nas redes digitais é uma experiência que nos acontece, nos sucede, nos toca na percepção da relação íntima destes com o dedilhar dos teclados dos dispositivos móveis, em especial, os celulares. Objetos inteligentes que mediam uma conectividade em rede e uma presença conectada. Há nos jovens essa capacidade de habitar múltiplos ambientes com uma maior naturalidade, de transitar entre a presença física nas salas de aula e nas redes sociais e chats e conjugá-las.

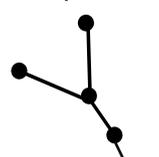
Espaços potentes e urgentes para pensar a democratização do acesso às informações e aos dados produzidos pelo digital, espaços para refletir sobre a emancipação de indivíduos frente à imposição tecnológica, e a violência midiática. Para pensar no tempo que colocamos na construção de objetos e nas relações que tecemos, no trabalho manual e feito com as mãos, no homem dono de si e de seu trabalho, no homem político e empoderado.

Empoderamento no sentido proposto pelo educador brasileiro Paulo Freire (1996) ao traduzir a palavra empowerment do inglês, que significa “dar poder”, redefinindo-a para realidade brasileira de opressão e miséria, e conceituado o sujeito empoderado como aquele que realiza por si mesmo as mudanças e ações que os levam a evoluir e progredir.





Борщевик

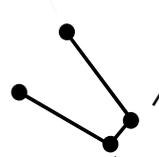


A linguagem do bordado e a linguagem do digital são aparentemente tecnologias distintas. Porém, ao aprofundarmos no tema, traçamos uma cartografia dos pontos comuns, dos vínculos que nos ataram e nos possibilitaram a realização de um projeto de tão potente ação e reação no ambiente escolar. As semelhanças e os pontos comuns entre as linguagens estão relacionadas primeiramente à experiência do fazer focada no trabalho, na experiência de tecer redes e criar conexões, na transmissão do fazer e partilha de modos desse fazer.

Bordado e digital são linguagens que marcam e decompõem o tempo, são repetições de pontos na trama do tecido ou na trama da programação digital no binômio 0/1. Decompõem o tempo na malha tecida digital ou manual, e cada instante se configura por ser um entrelaçamento de dados, de sobreposição de pontos, e cada repetição é o desejo de permanecer e criar conectividade na matéria e para além dela. Tanto bordado quanto a tecnologia do digital, tem avesso. A programação silenciosa é o avesso dos programas, que está para o digital assim como o risco está para o avesso do bordado.

Bordadura e tecnologia digital tem desejo de permanência e são riscos, deixam rastros. Bordados possuem riscos, os rastros de quem fez está no avesso do pano bordado. A linguagem digital deixa rastros passíveis de serem recuperados. Ambos lidam com a memória, memória de quem fez, memória da memória da linguagem. Seus mitos são estruturantes para seres humanos, falam de um tempo, de seu próprio tempo e do tempo que consome seres humanos. Produzem suas histórias a medida que homens e mulheres se debruçam coletivamente nesses fazeres e registram as mesmas no objeto de afeto que os afetam, o bordado e o digital.

Linguagem dentro da linguagem, palavra no bordado, digital no artesanal, artesanal no tecnológico e tecnológico no corpo. A experiência do digital como uma linguagem híbrida norteadas pela experiência coletiva, e a experiência coletiva não pode morrer.



Linho no pano e linha do scanner, bordado que ganha intervenções na digitalização, gestação de objetos híbridos. Resignificação de usos de objetos e pessoas envolvidas com o ato de bordar e transformar o objeto em outros.

Esse projeto foi bordado por muitas mãos, foi materializado em um livro objeto bordado e digital, que registra, marca e narra a trajetória do encontro potente de ideias, conceitos e ações vinculadas pelo afeto e pela experiência afetiva de fazer em conjunto. Gesto que é risco e impressão, afecções – marcas temporais que englobam a natureza dos corpos afetados e dos corpos afetantes.



Livro Bordado

Assim, o livro-objeto torna-se rede livre, rede livro. Nem é livro escrito, nem é somente objeto, é tessitura de corpos que afetam-se mutuamente e que deixam marca no tecido, é construção coletiva e colaborativa. Uma rede livre pressupõe a possibilidade de construção e empoderamento popular de uma comunicação livre e de uma rede distribuída acessível economicamente, gerida colaborativamente pelos próprios pares e aberta à comunidade. Tais princípios, transpostos para o ambiente escolar, propiciam uma experiência de apropriação crítica do conceito de redes colaborativas e de uso e autonomia na gestão e definição de recursos, sejam eles digitais ou analógicos ou manuais, e a promoção de um ambiente propício para a aprendizagem em rede. Ao tornar-se rede livre, o livro-objeto é impregnado da experiência da ancestralidade da tessitura de

redes da bordadura manual e da contemporaneidade da tessitura de redes da bordadura digital, presente nas práticas da cultura digital, não apropriadas pelo capitalismo flexível. Ao tornar-se rede livro, o livro-objeto é agora livro impresso, livro digital, remixado, editado, produzido, lançado e distribuído independentemente em rede e nas redes.

De modo que, na experiência em tecer redes livres, optamos em construir um livro objeto, e propor aos participantes dos laboratórios abertos sua construção coletiva, e a participação em todas as etapas de produção, permeado por hipertextos, costurados por redes digitais, programas de rádio, redes livres e páginas bordadas. Um objeto que traz a marca bordada/impressa de cada mão que o bordou e digitalizou, que possibilitou sua confecção em um curto prazo de tempo. Não se trata aqui de uma linha de produção, mas de produzir objetos onde estudantes se reconheçam e compreendam os aspectos relacionais e sentidos contidos na produção de um conhecimento alicerçado na estética da vida conectiva, na potência do coletivo, na experiência.



Mãos

Vivemos em uma era da tecnologia digital, permeada por objetos inteligentes, inundados por experiências de *touch screen*, porém pouco paramos para construir algo com as mãos. Na perspectiva de uma educação relacional, compreendemos que aquilo que somos deriva diretamente do que nossos corpos são capazes de fazer, e que as capacidades dos nossos corpos para moldar as coisas materiais são as mesmas a que recorreremos nas relações sociais. Aprender a trabalhar bem é a base da cidadania. Possibilita experimentar o modo como as ações individuais são frutos da interação com outros corpos, com objetos, com o ambiente e resgatar um sentido e sentimento de gratificação, reconhecimento, alteridade e de conexão com um todo.

Os sistemas educacionais formais tem suas bases alicerçadas na compreensão do estudo como um fazer mental. O trabalho manual é subjugado a um patamar inferior. Há em nossa sociedade, de origem escravocrata, a noção de fazer algo com as mãos como um trabalho desqualificado e sujo. Compartilhamos com a teoria apresentado pelo sociólogo americano Richard Sennett, de que pensar é fazer, que o pensamento e sentimento estão contidos no processo de fazer, que a relação entre a mão e a cabeça sustenta um diálogo entre práticas concretas e idéias, diálogo que evolui para o estabelecimento de um ritmo entre a solução e a detecção de problemas, que possibilitam levar a vida com habilidade.

O pensamento artesanal que contém o desejo de fazer bem feito, deverá estar presente na escola, resgatando algo que está em processo de desaparecer: a construção do conhecimento a partir de reflexões em práticas sociais realizadas coletivamente, e com as mãos (corpo). A valorização de um tempo que leve em consideração tanto os processos individuais quanto os coletivos, conduz ao empoderamento no reconhecimento da potência de agir, possibilitando formar estudantes autônomos em suas construções intelectuais e materiais, associados com a própria vida e com as questões e desafios de um cotidiano conectado em rede.

Há no ato de bordar, tecer e costurar um silenciar das mãos em seu mais profundo movimentar-se, num ir e vir que nos coloca em contato com uma consciência ancestral que nos ensina a dimensão e potência transformadora de conduzir uma linha no espaço. Compreendendo o poder das mãos, da linha e do fio, que liga e re-liga o ser humano a sua mais tenra idade, no momento gestacional onde mãe e bebê são ligados pelo fio umbilical, o fio da vida, que é cortado para uma nova vida começar. O ato de tecer possui um caráter ordenador, que organiza conexões cerebrais, psíquicas e emocionais, é um ato criativo que desperta e organiza nossos mais íntimos sentimentos materializando-os em pontos e tramas.



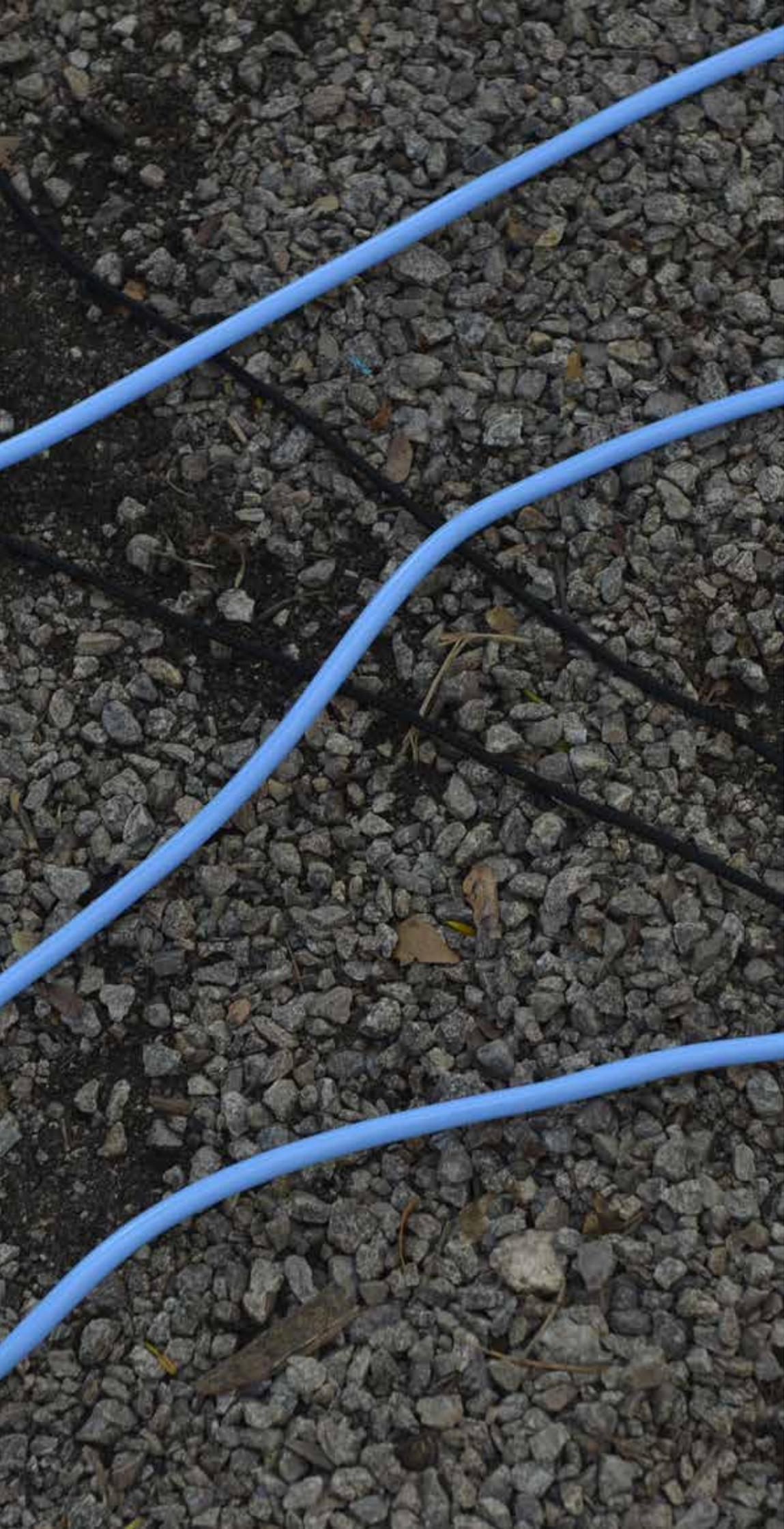
Colaboração

A colaboração emerge como um padrão de comportamento de rede que favorece a diversidade de pontos de vistas, de experiências, de saberes (práticos, científicos, comuns), que, junto com a flexibilidade, possibilita que o sistema permaneça sobrevivendo às perturbações e adaptando-se às condições mutantes. Por sua vez, as parcerias fundadas na confiança e na solidariedade propiciam que ambos os parceiros aprendam e mudem, co-evoluam. Esses são princípios de organização de ecossistemas, uma ecologia de rede (CAPRA, 1995).

É uma ação coordenada pela participação e pela partilha, as quais só podem ocorrer em sistemas mais flexíveis e horizontais e que valorizem todas as relações.

A participação e a partilha favorecem o desenvolvimento da confiança e da reciprocidade e o reconhecimento da interdependência como uma propriedade que potencializa a construção colaborativa de redes de aprendizagem e conhecimento.





Rastros
5017501

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Mágia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras escolhidas, v.1)
- CAPRA, Frijot. *A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Rizoma*. In: *Mil mesetas: capi talismo y esquizofrenia*. Valencia: Pre-Textos, 2000.
- _____. *Mil platôs: volume IV. Capitalismo e esauizofrenia*. São Paulo: Ed.34, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. *Pedagogia e Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOUDART, Izabel. *Cartografias da aprendizagem em rede: rastros das dinâmicas comunicacionais do Visualizar'11*, Medialab Prado. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- GOUDART, Izabel e GUIMARÃES, Mariana. *Presença, vínculos e redes: por uma pedagogia da conectividade*. In: ROCHA, Cleomar; SANTAELLA, Lucia (Orgs.). *A Onipresença dos Jovens nas Redes Digitais*. Socio tramas 2. Goiás: Cegraf UFG, 2014, pp. 169-190.
- _____. *Redes livres e Redes livros: uma tessitura de afeto*. Texto apresentado no IX Seminário de Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação, CA João XXIII/UFJF, Juíz de Fora, Minas Gerais, 2015.
- GUIMARÃES, Mariana de Souza. *O design dos objetos artesanais produzi dos no cotidiano de mulheres idosas*. Dissertação (Mestrado em Artes e Design). Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2010.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)
- SENNET, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009
- SPINOZA, Benedictus de. *Ethica ordine geometrico demonstrata*. Edição Bilíngue Latim –Português. Tradução e Notas T. Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

As Autoras

Izabel Goudart nasceu na cidade do Rio de Janeiro, onde vive e mora. É artista, química e educadora, pesquisadora de imagens, redes e processos colaborativos. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Mestre em Educação e licenciada em Química pela UERJ. É docente do setor de química do Colégio de Aplicação (UFRJ), integrante do grupo de pesquisa Sociotramas (PUC/SP), coordena o projeto de pesquisa e extensão, Aprender Brincando: uma experiência colaborativa (UFRJ) e realiza laboratórios abertos nas escolas, propondo o desenvolvimento de projetos colaborativos e aprendizagem em rede.

Mariana Guimarães é artista-educadora, mestre em artes e design pela PUC-Rio, e licenciada em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da UFRJ. É docente de Artes Visuais do CAP/UFRJ, onde atua na Educação Básica e na formação de professores de Artes Visuais. Desenvolve vários projetos e pesquisas formais e conceituais sobre o uso da bordadura e seus inúmeros desdobramentos estéticos, artísticos, éticos, sociais, antropológicos, políticos, digitais e manuais. Idealizadora do projeto Retalhos de Memória, desenvolvido em 2 edições, tendo sido premiado, em 2007, pelo Ministério da Cultura. Foi premiada no XV Prêmio Arte na Escola 2014, com o projeto Bordadura nas Artes Visuais, desenvolvido com alunos da Educação Básica do CAP/UFRJ (www.marianaguimaraes.art.br).

Ficha Técnica do Projeto

Concepção: Izabel Goudart e Mariana Guimarães

Coordenação: Izabel Goudart, Mariana Guimarães e Luciana Fleischman

Tutores: Surian dos Santos, Lula Mattos, André Ramos, Lívia

Achcar, Luiza Cilente, Carolina Secco, Roberta Guinzán, Kelly Saura, Chia Belotto e Frank Hoffman, Vicente Barros, Branca Messina, Mario Orlando Favorito

Estagiários: Ana Vitória Pimentel, Alexander Henriques

Ficha Técnica do Livro

Textos: Izabel Goudart, Mariana Guimarães

Imagens: Maria Paula Viana, Luciana Fleischman, Nuyddy Fernandez, Márcio Macedo

Produção Editorial e Projeto Gráfico: Kelly Saura

Montagem: Kelly Saura, Juliana Franco

Impressão: Colégio de Aplicação - UFRJ

Este livro faz parte de uma tiragem artesanal de 150 cópias. Impresso em papel off-set 70 g, 90g e cartão supremo 250g. Capa em papelão 2.4 com aplicação de rebites, linha e carimbo. Tipografias utilizadas: Minion Pro, Dots and Lines, e Dotnation.

Para ter acesso ao conteúdo adicional, disponibilizamos os links através dos QR Codes distribuídos entre as páginas do livro. Para a leitura, é preciso fazer o download gratuito do aplicativo *QRCode Reader* e instalar em celulares Smartphones. Ou acessar os links online via computador.

Arte do Fio <https://www.youtube.com/watch?v=HIg2VMw8Wzo>

Aprender Brincando <http://www.labhiper.com.br/portal/index.php>

Facebook <https://www.facebook.com/pages/Aprender-brincando/141993932662145?ref=hl>

Álbum de fotos <https://www.flickr.com/photos/135298754@N08/albums/72157657056648126>

Programas de Rádio <https://soundcloud.com/aprender-brincando>

Livro Bordado http://issuu.com/izabelgoudart/docs/livro_final

Gratidão s.f. = qualidade de quem é grato. Reconhecimento de uma pessoa por alguém que lhe prestou um benefício, um auxílio, um favor, etc.

À todos os participantes, tecelãs e tecelões, artistas, educadores, designers, programadores, alunos da Educação Básica, das licenciaturas, funcionários e amigos que colaboraram nessa rica construção.

Objetos de Afeto e Tramas na Escola: Tecendo Redes foi uma iniciativa do projeto de extensão da UFRJ, Ciência, Inovação e Transformação e Ações Interdisciplinares nas Escolas do Estado do Rio de Janeiro – Novos Talentos/CAPES; do 3º Prêmio Instituto Claro.

Colégio de Aplicação

UFRJ

Rio de Janeiro / 2015.

Realização

Apoio



Tecer

Laboratório Aberto

Afeto

Comunicação Livre

Colaboração

Experiência

Narrar

Digital

Pensar é fazer

Comunicação Livre

Colaboração

Experiência

Redes

Linguagem

Partilha

Vínculo

Presença

Mãos

OBJETOS DE AFETO E TRAMAS DA ESCOLA:
TECENDO REDES

CAp/UFRJ 2015



UFRJ